

# CULTURA ORAL E MULHERES NEGRAS NO PODCAST “NIA”

## BLACK WOMEN AND ORAL CULTURE IN THE “NIA” PODCAST

Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>1</sup>

Márcia Gomes da SILVA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Piauí | Brasil

### Resumo

O presente artigo busca discutir os sentidos materializados pela cultura oral negra *online* no *podcast* Nia, produzido por Ana Be, mulher negra da zona leste de São Paulo. O referido *podcast* surgiu em 2017 e possui 43 episódios publicados no *Spotify*, nos quais a *podcaster* entrelaça referências negras para discutir sobre música e vivência de mulheres negras. Este texto entende *podcasting*, como prática cultural, Viana (2022) e Bonini (2022) e o relaciona com a cultura oral negra, Martins (2021) e seus desdobramentos em espaços digitais, Lu e Steele (2019). Para isto, é feito um estudo de caso usando como ferramenta metodológica a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP) proposta por Pinheiro, Mustafá e Silva (2021) para identificar como as características estruturais presentes no *podcast* estão se encruzilhando com as narrativas referentes às pautas coletivas de mulheres negras no referido *podcast*. Concluímos que o *podcast* Nia, a partir da compreensão de cultura oral negra *online*, apresenta ainda aspectos de resistência frente às pautas de branquitude construídas na grande mídia.

### Palavras-chave

Mulheres negras; Nia; Oralidade; *Podcasting*.

### Abstract

This article discuss the meanings materialized by black oral culture online in the Nia podcast, produced by Ana Be, a black woman from the east side of São Paulo. The podcast was created in 2017 and has 43 episodes published on Spotify, in which the podcaster interweaves black references to discuss music and the experiences of black women. This article understands podcasting, as a cultural practice, Viana (2022) and Bonini (2022) and relates it to black oral culture, Martins (2021) and its developments in digital spaces, Lu and Steele (2019). For this, a case study is carried out using the Podcast Audiostructural Analysis (AAP) proposed by Pinheiro, Mustafá e Silva (2021) as a methodological tool to identify how the structural characteristics present in the podcast are intersecting with the narratives referring to the collective agendas of black women in the aforementioned podcast. We conclude that the Nia podcast, based on the understanding of black oral culture online, also presents aspects of resistance in the face of whiteness agendas constructed in the mainstream media.

### Keywords

Black women; Nia; Orality; *Podcasting*.

RECEBIDO EM 06 DE NOVEMBRO DE 2023

ACEITO EM 30 DE DEZEMBRO DE 2023

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Professor Titular na Universidade Federal do Piauí na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Discursos (JORDIS). Contato: pafecalo@ufpi.edu.br.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, na linha de pesquisa Processos e Práticas em Jornalismo. Membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Discursos (JORDIS). Contato: maarciagomessilva@gmail.com

## Introdução

Partindo da compreensão que *podcasting* é uma prática cultural (Viana, 2022, Bonini, 2022), o presente artigo busca discutir o perfil, a estrutura e os sentidos que a cultura oral negra *online* coloca em circulação na podosfera a partir do *podcast* Nia<sup>3</sup>. Este *podcast* é uma produção independente criado por Ana Be<sup>4</sup>, mulher negra da zona leste de São Paulo. O *podcast* estreou em 2017 e está presente na plataforma *Spotify* com 43 episódios publicados.

Os 21 primeiros episódios marcam o que podemos chamar de uma primeira fase onde a *podcaster* entrelaça referências negras para discutir música e vivência de mulheres negras. Atualmente, se for feita uma busca Nia pode-se identificar um hiato de três anos sem atualização na plataforma de *streaming Spotify*. Entretanto, pudemos verificar que durante a pandemia e o isolamento social, precisamente em abril de 2020, um *post* marcou a migração do *podcast* para a rede social *Instagram*<sup>5</sup>, marcando sua segunda fase. Lá a *podcaster* não só divulga o *podcast* e bastidores como abre um canal de diálogo com os seguidores. Os 22 episódios seguintes fazem parte de uma série chamada “Diáspora 22”, demarcando a terceira fase do *podcast*. O “Diáspora 22” propõe-se a ser um projeto audiovisual cujo objetivo é dialogar com os artistas periféricos que fazem música preta a partir das construções afetivas familiares, instaurando assim uma terceira fase do trabalho da artista ligado ao *podcast*. A quarta fase do *podcast* começou em abril deste ano com novo nome: Rádio Nia<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: Nia | Podcast on Spotify. Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: Comunicação Sobre Música Negra. Conheça: Ana BE e o podcast NIA | Potência Cultural. Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em : <https://www.instagram.com/podcastnia/>. Acesso em: 15 out. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: [Rádio Nia](https://www.instagram.com/podcastnia/). Acesso em: 15 out. 2023.

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

O foco do presente estudo recai nos episódios que centralizam textualidades orais sobre música e vivência de mulheres negras, a partir de uma escuta atenta ainda num nível exploratório dos 21 primeiros episódios. Definimos como amostra 3 episódios para serem analisados: episódio 1, no qual a *podcaster* apresenta a proposta de seu programa e discute sobre representatividade negra; episódio 4, sobre estereótipos racistas e sexistas e o episódio 7 sobre empoderamento e mulheres negras no *Hip Hop* e *R&B*. O critério de escolha se deu por considerar que os episódios selecionados possuem como tema central a vivência de mulheres negras enquanto grupo social nos quais a *podcaster* traça conexões com referências de outras mulheres negras, sejam teóricas e/ou artistas da palavra e da sonoridade.

O artigo possui como objetivos identificar características presentes nestes três episódios do *podcast* Nia, como eixo estrutural, duração, identidade sonora e visual, associação, destacar narrativas referentes às pautas coletivas de mulheres negras e cultura oral negra *online*. Para alcançar nossos objetivos nessa encruzilhada, fundamentamos nosso arcabouço teórico em Viana (2022), Bonini (2022), Martins (2021), Lu e Steele (2019) e Barner (2021).

Propomos como técnica de pesquisa do *podcast* Nia a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP). Segundo Pinheiro, Mustafá e Silva (2021) e Silva (2022) esta é uma proposta metodológica que mescla aspectos quantitativos e qualitativos para compreender a dinâmica das características estruturais e das narrativas referentes às pautas de mulheres negras.

Este artigo justifica-se ao propor uma investigação no campo da comunicação sobre a podosfera negra. Este movimento ainda é novo no âmbito brasileiro. Buscamos refletir como as questões de cultura oral estão sendo instrumentalizadas em *podcasts* negros, assim como pontuar

os conteúdos referentes às pautas coletivas de mulheres negras. À vista disso, iniciamos este trabalho com uma contextualização teórica sobre *podcasting* e cultura oral negra *online*, em seguida apresentamos a metodologia utilizada na construção do trabalho, e por fim, discutimos e analisamos referidos objetos de estudo.

## **Cultura oral negra: manifestações tradicionais e desdobramentos *online***

Gonzalez (2020) aponta que a mulher negra em situação de escravizada, a mucama<sup>7</sup>, desempenhava tarefas na casa-grande que perpassavam os cuidados internos com a casa e as crianças de seus senhores, além do cuidado com os próprios filhos e seus companheiros. Essas mulheres negras que através de uma “resistência passiva” foram responsáveis por disseminar através da oralidade um português embebido de influências e marcas linguísticas de culturas africanas diversas, o pretuguês, “marca de africanização do português falado no Brasil” (Gonzalez, 2020, p. 128). A passividade apontada por Gonzalez (2020) se refere a uma forma de resistência pela integração de mulheres negras escravizadas e uma suposta harmonia inerente às relações entre essas e seus senhores. Segundo a autora,

na medida em que ela passa, ao aleitar as crianças e ao falar o seu português (com todo um acento quimbundo, de ambundo, enfim, das línguas africanas), é ela que vai passar pro brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir e de pensar (Gonzalez, 2020, p.290).

---

<sup>7</sup> Gonzalez (2020) apresenta a nomenclatura “mucama” baseada em Décio Freitas, no livro *Palmares: a guerra dos escravos* (1978), atribuída às mulheres negras escravizadas que trabalhavam no interior da casa-grande, distinguindo-se do papel de escravizada de eito, outra nomenclatura baseada em Freitas (1978) para designar o labor de mulheres negras escravizadas nas lavouras.

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

Dessa maneira, a autora afirma que a oralidade negra fundamentalmente operacionalizada por mulheres negras através de tais práticas discursivas assentaram a base cultural e linguística presente no Brasil.

Similar a isso, Lu e Steele (2019) também argumentam que a oralidade foi uma forma de resistência entre as pessoas negras desde o período escravocrata, entretanto, diferentemente das práticas mais estudadas, como revoltas e embates diretos com seus opressores, a oralidade foi uma forma de resistência mais duradoura, principalmente no contexto cotidiano, essa longevidade se baseia no desinteresse e invalidação dos saberes provindos da oralidade por parte do grupo dominante.

As culturas negras trazidas pelos povos do continente africano confluíram através da oralidade com os demais modos e costumes do nosso país em diversos âmbitos. De acordo com Martins (2021)

Com nossos ancestrais vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e modus constitutivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou orais, com que se confrontaram (Martins, 2021, p.24).

Mesmo com o acesso a determinados materiais e novas tecnologias, a oralidade continua sendo um meio para disseminação de conhecimento e compartilhamento de experiências entre comunidades negras, ocupando novos espaços e se utilizando de outros equipamentos ao mesmo tempo que resgata antigos costumes.

Tais práticas constituem a cultura oral negra que pode ser entendida, de acordo com Lu e Steele (2019), como o conjunto de práticas que centraliza o conhecimento por meio da oralidade, sendo uma

estratégia de resistência adotada por pessoas negras nas diásporas africanas.

Nesse sentido, as autoras destacam características que marcam as práticas contemporâneas da cultural oral negra com uso das tecnologias comunicacionais, que por sua vez também estão presentes em suas manifestações tradicionais. A primeira característica baseia-se na formulação de práticas discursivas que escapam à detecção do grupo dominante por meio do desenvolvimento de um tipo de comunicação própria. É necessário que haja uma compreensão prévia da cultura negra para seu entendimento completo. Outro aspecto está relacionado à criação de contranarrativas em que a celebração das vidas negras é construída como uma maneira de subverter as tentativas do grupo dominante de moldar narrativas de padecimento das comunidades negras.

Dessa maneira, direcionamos nosso foco para o *podcasting* como mídia híbrida (Bonini, 2022) e prática cultural (Viana, 2022) propícia para a disseminação de elementos da oralidade negra na construção de narrativas sonoras. A seguir, veremos como o universo do *podcasting* se relaciona com a cultura oral negra que perpassa contemporaneamente pelas tecnologias comunicacionais.

## ***Podcasting e oralidade negra***

Bonini (2022) acentua que *podcasting* é ao mesmo tempo uma tecnologia e uma forma cultural híbrida, visto que apreendeu formas e linguagens não apenas do rádio, mas também do teatro, da literatura, do jornalismo *online*, do *design*, etc., conseqüentemente como um meio híbrido tem suas especificidades e autonomia. Para o autor, produtores e ouvintes moldaram as formas culturais do *podcasting* atentando para uma visão que destaca as formas como a sociedade pode mudar a mídia designando papéis sociais específicos.

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

É também nesse sentido amplo que Viana (2022) define *podcasting* como “uma prática cultural e comercial que envolve os processos de produção, transmissão, circulação e consumo de *podcast*, sendo este último o produto resultante dessa prática” (Viana, 2022, p. 29), tal conceituação dialoga com o pressuposto de Bonini (2022), ambos designam o *podcasting* como prática cultural, dessa forma sua compreensão prioriza as dinâmicas sociais, que incluem a relação entre produtores, ouvintes e mercado como fundamentais para seu entendimento.

À vista disso, o *podcasting* como prática cultural, no sentido defendido por Viana (2022), constitui-se em espaços que vozes múltiplas, inclusive vozes de grupos historicamente oprimidos, elaboram sentidos e identidades através da produção de conteúdo sonoro, frente à falta de representatividade, invisibilidade de suas pautas e objetificação como Outro, comumente reproduzidas pela grande mídia.

Os elementos sonoros são aspectos de interesse na análise, mas a oralidade de mulheres negras e a cultura oral negra presentes nos episódios são, também, importantes para compreensão das práticas de resistência em *podcasts* negros porque a cultura oral negra, enquanto um conjunto de práticas, concentra o conhecimento através da oralidade.

Centralizamos o *podcasting* e suas características como aptas a instrumentalização da cultura oral negra *online* devido aos seus aspectos de acessibilidade técnica, autonomia na produção de conteúdo e variedade de formatos, diferentemente de outras mídias, o *podcasting* oferece aos produtores a liberdade de criar características e normas distintas, proporcionando um meio vantajoso para grupos sociais marginalizados pela grande mídia (Barner, 2021).

Nesse contexto, Barner (2021) define como *podcasts* negros aqueles em que os *podcasters* são declaradamente negros e/ou tratam intencionalmente de questões de interesse do grupo em seus respectivos programas. Tratando de *podcasts* estadunidenses produzidos por mulheres negras e *queer*, a autora aponta o uso de referências culturais negras, como o uso de vernáculos.

De acordo com Barner (2021) as vírgulas explicativas usadas para “fornecer mais contexto ou explicação de um conceito que o ouvinte pode não entender” (Barner, 2021, p.46)<sup>8</sup> não são operacionalizadas neste contexto. Dessa maneira, a ausência de explicações de determinados conceitos e expressões configura-se como ato de recusa em educar grupos sociais que não seu público alvo. Nesse caso, em análise, da mesma forma que as produtoras, o público que elas procuram atender são mulheres negras e *queer*.

Esta abordagem evidencia a forma como o *podcasting* é operacionalizado pela comunidade negra, criando diálogos com ouvintes que pertencem ao mesmo grupo social e/ou possuem um conhecimento prévio sobre determinados conteúdos, termos e nomenclaturas, remontando os atos de resistência cotidianos de seus antepassados, baseadas na cultura oral negra.

Cavalcante (2021) é pioneira ao mostrar o protagonismo de mulheres negras na podosfera. A autora faz um levantamento de *podcasts* produzidos por mulheres negras no Brasil e seleciona para análise os *podcasts Afetos e Kilombas*. Mesmo sem ter como foco central a cultura oral negra, muito dela está presente nos *podcasts* analisados. De acordo com a autora, o *podcast* é uma mídia utilizada pelas mulheres negras enquanto grupo marginalizado para debater e partilhar suas vivências e experiências que não encontram espaço na mídia tradicional. Em termos

---

<sup>8</sup> No original: “The function of the explanatory comma is to provide further context or explanation of a concept that the listener may not understand” (Barner, 2021, p. 46).



Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

nacionais, o que chama atenção é ser um tema que precisou atravessar o oceano Atlântico para academicamente ser aceito e terminou se tornando a primeira pesquisa no país com esta temática.

Passemos agora para a interpretação das minúcias do *podcast* Nia, por meio da esquematização metodológica da Análise Audioestrutural do Podcast (AAP) de forma a identificar elementos da cultural oral negra no referido *podcast*.

## Metodologia

Para apreender as principais características do objeto de estudo, como perfil do *podcast*, estrutura, análise sonora e descritiva, de acordo com a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP) é preciso observar três níveis: a identificação do *podcast*, dedicado à coleta de dados referente ao *podcast* de forma mais geral; a estrutura do *podcast* que prioriza as características específicas de cada episódio do *podcast* e o conteúdo do *podcast* que sugere análises para interpretação do conteúdo dos dois níveis anteriores.

Segundo a AAP, no primeiro nível, traçar o perfil do *podcast* é um primeiro passo para compreender os demais elementos. Desta forma, são levantados dados relativos ao ano, apresentação, estrutura, tipo, periodicidade, duração, espaço de circulação, expansão, participação, *design* do programa e associação. O segundo nível está relacionado ao tema e às pautas abordadas nos episódios. O foco é a relação entre as temáticas e as fontes acionadas. Por fim, ouvimos o conteúdo de cada um dos episódios escolhidos. É feita uma contextualização que permita identificar os pontos-chaves que relacionam estrutura, tema abordado, fontes e as inter-relações sociais. A contextualização é fundamental para a

identificação no *podcast* Nia das questões levantadas ao longo deste artigo.

Quanto às estruturas, nos episódios 1, 4 e 7 consideramos as categorias de título, temática central, identificação do *podcast*, duração e data de postagem. Referente às análises do conteúdo apresentados nos episódios, utilizamos a escuta atenta dos episódios e para contextualização do material, utilizamos o referencial teórico Lu e Steele (2019), Collins (2019) e Hooks (2019).

Nos próximos tópicos veremos como os aspectos da cultura oral negra *online* são operacionalizados no *podcast* Nia a partir da compreensão de *podcasting* como prática cultural (Viana, 2022) e forma cultural híbrida (Bonini, 2022), destacando suas principais características e em seguida avançaremos nas principais temáticas abordadas no episódio 1, 4 e 7 do referido *podcast*.

## **Nia e as pautas coletivas de mulheres negras**

Consideramos Nia como um *podcast* negro segundo definição de Barner (2021) que denomina *podcasts* negros como aqueles não só produzidos por pessoas negras, mas que, além disso, tratam em seus programas de questões fundamentais desse grupo social de forma intencional, e/ou que se identificam como *podcasts* negros.

Com relação ao perfil, Nia é um *podcast* independente apresentado por Ana Be, mulher negra da zona leste de São Paulo, os episódios tratam principalmente sobre música, audiovisual, vivência de artistas negros e/ou independentes, cultura periférica e problemáticas relacionadas às mulheres negras.

O referido *podcast* possui 43 episódios disponíveis no *Spotify* publicados entre 2017 e 2020, os 21 primeiros episódios publicados estão numerados do 1 ao 21, nos quais a *podcaster* entrelaça referências negras para discutir sobre música e vivência de mulheres negras, a duração

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

desses episódios varia entre 9 a 18 minutos, os episódios que seguem, com exceção do episódio “Quem foi que disse que o velho é velho?”, fazem parte de uma série de episódios chamada “Diáspora 22”<sup>9</sup>, estes não ultrapassam 2 minutos de duração. O *design* de imagem de cada episódio varia entre colagens digitais, fotografias de acervo pessoal e fotografias de terceiros.

Dito isso, iremos apresentar as narrativas referentes às pautas coletivas de mulheres negras nos episódios 1, 4, e 7 do *podcast* Nia, partindo dos dados coletados referentes à estrutura dos episódios e aos seus conteúdos baseado na abordagem da APP (Pinheiro; Mustafá; Silva, 2021).

Através de uma escuta atenta, destacamos textualidades orais referentes a questões de representatividade, autodefinição, empoderamento e transgressão de estereótipos racistas e sexistas apresentadas no referido *podcast*, em seguida discutimos tais conceitos pela ótica das teóricas feministas negras.

Quanto a estrutura do episódio 1 do *podcast* Nia, ele possui 18 minutos de duração, a *podcaster* introduz o episódio com uma breve fala e a vinheta é tocada, em seguida as temáticas centrais, a representatividade e a questão dos exemplos são apresentadas após tratar das temáticas expondo uma infinidade de referências. O episódio é encerrado com um trecho da música “F.U.B.U.” da cantora norte-americana Solange. Essa estrutura (introdução, vinheta, temáticas centrais e trecho de música) se repete nos episódios que constituem a amostra deste trabalho, em alguns episódios a introdução é mais longa, e as músicas tocadas nos episódios variam.

---

<sup>9</sup> Essa série de episódios se desdobrou em um projeto audiovisual publicado no perfil do *Instagram* do *podcast*. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CB\\_XKnMH2U8/](https://www.instagram.com/p/CB_XKnMH2U8/)> . Acesso em: 17 ago. 2022.

No episódio 1, a *podcaster* se concentra em discutir sobre representatividade e a questão dos exemplos, expondo seus anseios para o desenvolvimento do programa e apresentando referências negras e/ou de artistas independentes dentro do cenário da música e do audiovisual. Esse episódio foi escolhido para análise por considerar que, comumente, nos episódios pilotos dos *podcasts* as *podcasters* apresentam a proposta do programa, e é isso que ocorre no Nia.

Ao evidenciar a questão da representatividade, Ana Be aponta para relevância dos exemplos: seja aqueles presentes na internet - os artistas com muita visibilidade -, seja os exemplos da vida cotidiana. Nesse último contexto, a *podcaster* destaca a cultura periférica trazendo como referência a poesia marginal, os *slams*<sup>10</sup> e o *Hip Hop*. É de atentar-se que tais referências estão ligadas a palavra e/ou a sonoridade.

Ainda sobre a questão da representatividade e sua ligação com os exemplos, a *podcaster* explica: “*Quando a gente se enxerga num lugar, a gente se sente representado, a gente se espelha e talvez essa seja a grande busca dos nossos exemplos*”. A temática central também é evidenciada enquanto pauta coletiva de mulheres negras quando a *podcaster* alude o exemplo da atriz Whoopi Goldberg que decidiu trabalhar artisticamente quando se viu representada através de uma personagem negra no cinema, e ainda quando pontua a propagação das mensagens positivas presentes nas canções dos duos musicais *Ibeyi* e *Oshun*.

Bell Hooks (2019) argumenta sobre a forma como negros e negras são representados na mídia enfatizando que o campo da representação ainda é um lugar de luta, a reprodução de estereótipos racistas e sexistas na mídia constrói um tipo de relação na qual a não identificação produz, o que Hooks (2019) define como olhar opositor, isto é, espaços de agência

---

<sup>10</sup> Manifestação performática de poesia falada que centraliza a oralidade com teor político de livre expressão. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1242-querem-nos-calar-prefacio-por-conceicao-evaristo>. Acesso em: 17 fev. 2024.

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

criados por esse grupo social que interpretam criticamente a representação de raça e constroem modelos diversos trazendo à tona a complexificação de sujeitos negros antes vistos como objetos.

A questão dos exemplos abordada no *podcast* sugere o que Collins (2019) trata como consciência coletiva de mulheres negras, no sentido de considerar que esses atos individuais de resistência protagonizados por mulheres negras produzem representatividade, uma vez que o lugar social que essas ocupam proporcionam determinadas experiências e posições comuns.

Outro ponto abordado nesse episódio são as mensagens positivas presentes nas canções dos duos *Ibeyi* e *Oshun*, Lu e Steele (2019), que trabalham com a ideia de "*joy is resistance*". Elas focalizam as reinvenções da oralidade negra, nas quais as narrativas que transgridem as expressões da dor coletiva de mulheres negras são também consideradas narrativas de resistência presentes desde a formação das diásporas africanas.

O episódio 4 segue o modelo do episódio piloto, com 12 minutos de duração, uma introdução mais longa, vinheta e em seguida a *podcaster* estende-se nas temáticas da transgressão dos estereótipos de mulheres negras e sobre autodefinição, o episódio é encerrado com um trecho da música "*Me*" do duo estadunidense *Oshun*.

Neste episódio, a *podcaster* pontua de forma mais consistente a centralização das mulheres negras como temática central do episódio, quando diz: "*eu vou tentar me ater a exemplos de mulheres negras, mulheres confiantes, mulheres seguras, mulheres felizes de ser quem são mulheres expoentes (...)*" e ainda quando expressa "*eu gosto de falar e repetir, mulher negra, pra afirmar a condição e existências de ser isso e de presenciar, experienciar tudo que vem junto com essa condição.*" Ao pontuar essa centralização, a *podcaster* marca, assim como no episódio 1, o lugar no qual suas referências partem, se colocando enquanto uma

mulher negra, com exemplos de mulheres negras, e também direcionando seu conteúdo a outras mulheres negras de forma intencional.

Ao trazer a questão da hiperssexualização e exotização de mulheres negras, a *podcaster* enfatiza a transgressão desses estereótipos dentro da indústria da música, nas quais as artistas negras Grace Jones e Princess Nokia, ao reivindicarem sua ancestralidade, constroem novos modelos de identificação.

Segundo Collins (2019), os estereótipos racistas e sexistas de hiperssexualização e exotização de mulheres negras são superadas a partir do processo de autodefinição, ou seja, “a busca de uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido de mulheres negras” (Collins, 2019, p.183), na construção de novos modelos de identificação.

Ainda no episódio 4, Ana Be menciona “*todas essas mulheres pelas quais eu passei falando, tem um papel fundamental na definição da identidade de ser o que se é, de ser uma mulher negra, de ser definida como uma bruxa, de quebrar padrões de estabelecer, rupturas e novos paralelos (...)*”. Tal perspectiva dialoga com o pensamento de Collins (2019) sobre as negociações identitárias de mulheres negras visto as contradições de imagens internas e a objetificação como Outro, onde a autodefinição num nível coletivo estabelece novos parâmetros de identificação.

O episódio 7 possui 12 minutos de duração e a estrutura segue com uma introdução, vinheta e a abordagem dos temas centrais, que nesse caso são empoderamento e mulheres negras no *Hip Hop* e no *R&B*, o episódio encerra com um trecho da canção *Feeling Good* de Nina Simone. Nesse episódio, a *podcaster* destaca os trabalhos das cantoras SZA e seu álbum *Ctrl* e Mr. Lauryn Hill com o álbum intitulado *The Miseducation of Lauryn Hill*, tais trajetórias de mulheres são colocadas de maneira

Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

semelhante aos episódios citados anteriormente, como exemplos a serem seguidos por outras mulheres negras.

Como já mencionado acima, a cultura oral negra emerge em espaços digitais e estão sendo operacionalizados por agentes negros através das tecnologias comunicacionais baseados em antigas tradições da oralidade. Baseado em Lu e Steele (2019) ouvimos e constatamos que os episódios 1, 4 e 7 do *podcast* Nia apresentam algumas dessas estratégias de resistência.

Destacamos a questão da construção de narrativas que pressupõem a necessidade de uma compreensão prévia de elementos da cultura negra para seu entendimento completo ao tratar de conceitos como ancestralidade e aspectos da cultura periférica e marginal negra, além disso a *podcaster* traça narrativas com vários nomes da música e do audiovisual que também estão inseridas nesse contexto cultural.

Outro ponto de destaque é o aspecto convidativo ao conhecimento dessa cultura, por exemplo, quando a *podcaster* sugere aos seus ouvintes buscarem as referências trazidas nos episódios, como ocorre no episódio 7, quando Ana Be diz: "*you can pause my podcast now and go listen Bag Lady*", se referindo a canção de Erykah Badu mencionada no episódio, que servia de base para compreensão de um assunto tratado no episódio.

Mais uma estratégia é a criação de contranarrativas, nas quais a celebração de vidas negras é central nos referidos episódios, nos *podcasts* analisados onde o foco das narrativas recai em exemplos que transgridem as narrativas de violência e escassez dos povos negros, exaltando seu caráter de potência e resistência frente às opressões.

## Considerações Finais

Na construção deste artigo, buscamos identificar aspectos do *podcasting*, aliados à compreensão de cultura oral negra para compreensão das maneiras nas quais o *podcast* Nia se estrutura, traçando seu perfil e pontuando suas principais características. Buscamos também identificar as narrativas referentes às pautas coletivas de mulheres negras que estão presentes nos episódios do referido *podcast*.

Dessa forma, observamos que as narrativas pautadas no *podcast* Nia contribuem com temáticas referentes à cultura negra que priorizam trajetórias de mulheres negras. Ele operacionaliza conceitos importantes que fazem parte do escopo teórico feminista negro. A discussão sobre autodefinição, empoderamento e transgressão de estereótipos, no *podcast* Nia produzem resistência frente às pautas produzidas pela grande mídia que quase sempre não tocam nestas questões.

Notamos, a partir da compreensão de cultura oral negra *online*, que o *podcast* se utiliza de algumas estratégias na construção de narrativas nas quais grupos negros são protagonistas, como forma de reivindicar pautas coletivas, na criação de contranarrativas dada a subordinação tratada na mídia tradicional, e ainda na elaboração de práticas discursivas que ficam fora da percepção do grupo dominante, uma vez que pressupõem um conhecimento prévio da cultura negra para seu entendimento. O *podcast* na sua forma e estrutura inova quando traz na sua proposta elementos pertencentes à cultura oral negra.

A oralidade negra desempenhou um papel central na disseminação das culturas africanas em suas diásporas. Tais práticas continuam a existir dentro do âmbito tradicional, estando presente nas religiões de matriz africana e seus *itans*, nas ladainhas da capoeira, nos cantos de força dos vissungos. Todas essas possuem o ponto comum dos significados estarem



Paulo Fernando de Carvalho **LOPES**

Márcia Gomes da **SILVA**

imbuídos de aportes culturais afro-brasileiros. Pudemos observar que o *podcast* procura trazer esta tradição como modo elemento constituidor da sua estrutura e forma.

Buscamos contribuir com os estudos sobre podosfera negra, sobretudo no âmbito brasileiro, que ainda conta com poucos textos com esta temática, ao trabalharmos com um *podcast* produzido por uma mulher negra que trata de questões sociais apresentando múltiplas referências do âmbito da música e do audiovisual. Entretanto, ainda são necessárias pesquisas mais aprofundadas em relação a mulheres negras nos *podcasts* e cultura oral *online*. Elas precisam mostrar as características, as especificidades e a importância dessas relações a fim de contribuir com significativas mudanças sociais.

## Referências

BARNER, Briana Nicole. **The Last Place They Thought Of: Black Podcasts and the Performance of Marginalization**. Dissertation. University of Texas, Austin. 175p. 2021.

BONINI, Tiziano. Prefácio. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

CAVALCANTE, Aldenora. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Porto, Portugal, f.177. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

LU, Jessica H; STEELE, Catherine Knight. 'Joy is resistance': cross-platform resilience and (re) invention of Black oral culture online. **Information, Communication & Society**, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Perspectiva, 2021.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo; MUSTAFÁ, Izani Pibernat; SILVA, Gessiela Nascimento da. Análise Audioestrutural do Podcast: uma proposta metodológica para formatos sonoros. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 8, p. 158-166, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60148/35082>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SILVA, Gessiela Nascimento da. **As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural.** Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação –Mestrado Profissional/PPGCOM) - Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, f.135. 2022.

VIANA, Luana. Podcasting e a nova ecologia de mídia. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital.** Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

